



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

| TÍTULO DO TRABALHO | | | |
|--|----------------------------------|-------|---------|
| A Crítica de G. Lukács a L. Feuerbach em Para a Ontologia do Ser Social | | | |
| AUTOR | INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO) | Sigla | Vínculo |
| Marlon Garcia Silva | Faculdade Católica de Uberlândia | FCU | Docente |
| RESUMO (ATÉ 20 LINHAS) | | | |
| <p>Por esta comunicação apresentam-se elementos teóricos para análise da interlocução estabelecida por G. Lukács com L. Feuerbach na obra Para a Ontologia do Ser Social. Toma-se, pois, para estudo um contexto sócio-histórico e ideológico destacado por Lukács pela relevância que adquire na modernidade filosófica, notadamente pelas formulações e debates de caráter ontológico então em curso. O processo de maturação da sociedade burguesa e, em particular, a explicitação de suas contradições imanentes nos fins da primeira metade do século XIX põem crescentemente “em xeque” o status quo e seus complexos ideológicos. Em solo alemão, o sistema especulativo hegeliano está em debate e questão, contraposto, dentre outros, pela filosofia materialista de L. Feuerbach. A propósito, Lukács tanto reconhece “uma ontologia universalmente explicitada em Hegel”, assentada e desenvolvida na contradição entre sistema (lógico-idealista) e método (dialético), como também a natureza ontológica da filosofia materialista feuerbachiana, por um lado, impactante no processo de “dissolução do hegelianismo” e, por outro, obliterada para as categorias e problemáticas do ser social. Em tal contexto formam-se o pensamento e a obra originais de Marx, os quais, conforme a tese inédita defendida por Lukács, fundam uma concepção ontológica histórico-materialista do ser social. Analisar a posição crítica de Lukács em relação a Feuerbach, bem como os rebatimentos desta posição na constituição do “edifício conceitual” da Ontologia lukacsiana constituem objetivos precípuos do presente trabalho.</p> | | | |
| PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS) | | | |
| Ontologia, Materialismo, Ser social | | | |
| ABSTRACT | | | |
| <p>For this communication presents theoretical elements to analyze the dialogue established by G. With L. Lukacs Feuerbach's work for the Ontology of Social Being. It becomes, therefore, to study a socio-historical and ideological Lukacs pointed out by acquiring the relevance in modern philosophy, notably by the formulations and discussions of ontological character then current. The maturation process of bourgeois society and, in particular, the explanation of the contradictions inherent in the end of the first half of the nineteenth century increasingly put "in check" the status quo and its complex ideological. On German soil, the Hegelian speculative system and the question is debated, opposed, among others, the materialist philosophy of L. Feuerbach. Incidentally, both Lukacs recognizes "a universal ontology explicit in Hegel" (Lukacs, 1981, p. 165), settled and developed in the contradiction between the system (logical and idealistic) and method (dialectical), but also the ontological nature of materialist philosophy Feuerbach, on the one hand, striking the process of "dissolution of Hegelianism" and, second, obliterated the categories and issues of social being. In this context formed the original thought and work of Marx, which, according to unpublished thesis defended by Lukács, founded a historical materialist ontological conception of being. Analyze the critical position in relation to Lukács's Feuerbach and the repercussions of this position in the constitution of the "conceptual edifice" of Ontology Lukacsian are the prime objectives of this work.</p> | | | |
| KEYWORDS | | | |
| Ontology, Materialism, Social Being | | | |

Considerações introdutórias

O presente estudo toma por objeto a obra *Para a Ontologia do Ser Social*, de autoria do filósofo marxista G. Lukács – concluída no final dos anos 1960 e publicada na década seguinte, postumamente. A *Ontologia* está organizada em duas partes. Na primeira, podem ser identificados dois movimentos principais do pensamento do autor. Num deles, Lukács busca demonstrar como o pensamento gnosiso-epistêmico burguês vai crescentemente deturpando (vide o caso clássico representado por Heidegger) ou destituindo (o caso ilustrativo e típico do neopositivismo) os problemas e categorias ontológicos “autênticos” do ser social, convertendo-se ideologicamente em apologética do ser social burguês essencializado, desembocando em elaborações manipulatórias, subjetivistas, agnósticas, irracionalistas. Lukács sustenta que tais representações constituem a decadência espiritual do ser social burguês crescentemente vulnerável ideologicamente às consequências das relações sociais contraditórias da produção capitalista. Por outro movimento principal nesta primeira parte da sua obra, o autor busca resgatar elementos favoráveis à elaboração de uma ontologia autêntica e progressista do ser social, quando incursiona pelas obras de Hegel, Feuerbach e N. Hartmann, por exemplo. O ponto culminante e forte deste itinerário consiste na investigação aprofundada da obra de K. Marx, a qual, defende Lukács em tese inédita, constitui-se como uma ontologia histórico-materialista do ser social. O autor desfecha, pois, esta primeira parte apresentando a tese e os argumentos das bases de fundação da ontologia marxiana, para desenvolver nos quatro capítulos da segunda parte aqueles que seriam os “complexos sociais mais importantes” constitutivos do “edifício conceitual” desta “ontologia do ser social”. Tal empreitada lukacsiana pretende contestar, por um lado, a filosofia e a cientificidade burguesas predominantes ao longo do século XX. E pretende confrontar e refutar – tarefa também maior e principal do trabalho do autor – os “marxismos” dogmáticos, vulgares, extrínsecos às fontes e espíritos originais e clássicos, principalmente aquele representado pelo stalinismo.

Mais especificamente, busca-se pelo presente trabalho identificar e analisar a interlocução crítica de Lukács com o pensamento de L. Feuerbach, filósofo materialista envolvido nos importantes debates alemães dos anos de 1840, autor de trabalhos voltados sobretudo contra o sistema filosófico predominante durante a primeira metade do século XIX, o sistema idealista hegeliano. Lukács busca sustentar em seus estudos a tese do caráter ontológico das filosofias de Hegel e Feuerbach, apresentando na sua *Ontologia* um denso capítulo no qual se empenha em demonstrar os acertos e os erros de Hegel, bem como formulações pontuais preocupadas em situar a importância e os limites de L. Feuerbach na crítica ao mestre idealista e na formulação de enunciados ontológicos materialistas.

A tese do “duplo caráter” da filosofia de L. Feuerbach

A primeira referência feita por Lukács na *Ontologia do Ser Social* a L. Feuerbach aparece na abertura do segundo capítulo da primeira parte da obra, dedicado ao estudo da filosofia de N. Hartmann. E trata-se de uma referência introdutória, instrutiva e indicativa já da posição que Lukács sustentará a respeito das idéias de Feuerbach em momentos subsequentes e mais específicos do seu trabalho.

Lukács começa por mencionar a diversidade e densidade expressivas de tipos de pensadores alemães, muitos dos quais de alcance universal, cujas idéias influenciaram a filosofia e o pensamento ocidental moderno, dentre os quais se encontram, sempre segundo o filósofo húngaro, Leibniz, Kant, Hegel e Marx. Tal variedade seria atestada também pelo alinhamento de tipos de pensadores e obras diversos que vão de Shopenhauer, alcançando de Nietzsche a Heidegger.

Ao mencionar tais referências, Lukács pretende assinalar que tanto N. Hartmann como L. Feuerbach não se enquadram em tais “tipologias”, por assim dizer, mais consagradas, sendo possível a identificação e o reconhecimento de certa analogia entre estes dois pensadores. O ponto comum principal, segundo Lukács, é que “ambos apreenderam um complexo problemático central do seu tempo com grande intensidade, perspicácia e senso de realidade, contudo, não na sua totalidade” (*Ibid.*, p. 112) – Feuerbach na década de 1840 do século XIX, e Hartmann aproximadamente um século depois.

Por problemas filosóficos fundamentais podem-se entender, por exemplo, aqueles que concernem à natureza do ser, suas estruturas, conteúdos e formas. Tanto Feuerbach quanto Hartmann enfrentaram em seus trabalhos problemas deste tipo. No caso de Feuerbach, o problema da natureza do ser foi tomado na contraposição ao sistema filosófico predominante então no debate alemão, o sistema idealista de Hegel. Feuerbach defende a natureza material e objetiva do ser, o verdadeiro sujeito, afirmando o pensamento como predicado deste ser material, sensível, natural.

Mas Feuerbach é, no entendimento de Lukács, “o homem de um só pensamento, ainda que importante, que no curso de sua vida ele soube apenas variar e não, ao invés, generalizar em termos universais” (Lukács, 1981, p. 112). Ele não consegue, assim, estabelecer a partir das bases materialistas que enuncia e sustenta, um sistema filosófico de alcance universal, capaz de lidar com categorias e problemas da vida social, ficando, neste sentido, muito aquém das formulações e resoluções do próprio Hegel, contra quem é dirigida sua crítica filosófica principal. De modo que, nas considerações de Lukács, Feuerbach é “o defensor dos interesses da ‘filosofia sóbria’ contra a

'embriaguês especulativa' dos hegelianos de esquerda, mas o seu ataque é dirigido sobre um só ponto no complexo das controvérsias filosóficas do seu tempo" (*Ibid.*, p. 111).

Hartmann, no caso, defende posições importantes a respeito das estruturas, formas e conteúdos próprios do ser, lançando luzes sobre categorias ontológicas autênticas e verdadeiras, propendendo a uma elaboração de caráter sistemático, sendo, no entanto, incapaz de apreender determinações fundamentais quando se trata do ser social, humano.

A analogia pode ser estabelecida precisamente aí. Tomando-se a individualidade de ambos, por exemplo, evidencia-se que são "tipos" muito diferentes, mesmo "opostos" em muitos pontos. Hartmann, segundo a apreciação do autor da *Ontologia do Ser Social*, é o erudito e respeitado professor de filosofia, cujos trabalhos abarcam com solidez um campo vasto de saberes filosóficos e científicos, notadamente aqueles voltados ao conhecimento da natureza, muito embora suas idéias e obra (Hartmann escreve e publica uma vasta *Ontologia*) tenham permanecido marginais nos debates filosóficos europeus mais ressonantes e evidentes, tanto os contemporâneos como os sucessores a si: "muito apreciado e pouco compreendido, universalmente conhecido, a sua vida e a sua obra terminam porém sem continuadores" (*Ibid.*, p. 112).

Já Feuerbach é caracterizado por Lukács como um "outsider", um pensador fora e isolado do circuito filosófico oficial do seu tempo. Suas obras de maior impacto aparecem dos fins da década de 1830 à primeira metade dos anos de 1840, constituindo este o período de afirmação do seu denominado humanismo antropológico¹.

É neste período que se publicam seus trabalhos de maior sucesso e repercussão no cenário filosófico alemão – quando está em evidência e questão o sistema filosófico idealista de Hegel, com o debate alimentado e protagonizado pelas chamadas esquerda e direita neohegelianas –, sucesso e repercussão que não foram capazes de sensibilizar e mover o pensador materialista para campos, dimensões e interlocuções filosóficas mais amplas, propriamente sociais².

Dentre aqueles sobre os quais impactaram as idéias materialistas feuerbachianas estão K. Marx e F. Engels. Há registros e evidências do empenho de ambos em envolver Feuerbach num debate teórico-político mais amplo, num momento efervescente das questões e problemáticas sociais alemãs e européias, no contexto da constituição e consolidação da sociedade burguesa e do

¹ Ver a respeito Alfredo Llanos, 1978.

² Desde 1839, quando publica *Apontamentos para a Crítica da Filosofia de Hegel*, L. Feuerbach vem tornando pública sua ruptura e crítica ao idealismo filosófico de Hegel, de quem fora aluno em meados da década de 1820. Em 1841, Feuerbach publica *A Essência do Cristianismo*, em 1842 as *Teses Provisórias Para a Reforma da Filosofia*, e em 1843 *Os Princípios da Filosofia do Futuro*.

Estado político moderno. São entusiásticos o reconhecimento e as saudações públicas de Marx e Engels ao aparecimento da filosofia materialista feuerbachiana.

Entretanto, Feuerbach permanece, conforme a expressão de Lukács, um *outsider*, sem se envolver nos debates filosóficos e sócio-políticos das décadas seguintes, sem desenvolver aquela filosofia que havia abalado as convicções idealistas dos anos seguintes à morte de Hegel e posto, sobre bases materialistas, novas dificuldades, problemas e desafios ao pensamento filosófico alemão.

De modo que suas problematizações e questões iniciais, “estimulantes” e “fecundas”, desembocam em “becos-sem-saída”, conforme o entendimento de Lukács. Assim, diz o filósofo húngaro, “os próprios Marx e Engels, que lhe sofreram o influxo de modo extremamente fecundo, tomaram bem rapidamente distância da sua posição unilateral” (Lukács, 1981, p. 112), e em relação à prossecução do legado feuerbachiano, “a enorme heterogeneidade do seu influxo (de Gottfried Keller a Cernysvskij, a Kierkegaard e Nietzsche) não se adensará mais em qualquer corrente unitária de peso” (Lukács, 1981, p. 112).

Na tese que começa a delinear, Lukács afirma que Feuerbach, por um lado, quando “inverte em sentido materialista as relações entre homem e deus, transformando os problemas teológicos em problemas puramente antropológicos, dá um impulso decisivo à dissolução do hegelianismo” (Lukács, 1981, p. 112-13), sendo este um mérito de sua obra. Porém, por outro lado, acentua Lukács, são evidentes os limites de sua filosofia, de sua gnosiologia e seu método, na medida em que “ele não foi capaz de alargar o seu pensamento antropológico ao homem concreto, ao homem histórico-social” (Lukács, 1981, p. 113).

Estas referências e considerações, que se encontram no capítulo da *Ontologia* dedicado à obra de N. Hartmann, antecipam pontos fundamentais que serão abordados e desenvolvidos por Lukács ao longo desta sua obra.

Registra-se aqui que a despeito da incapacidade de abarcar os complexos sociais de seus respectivos tempos históricos em “sua totalidade”, as formulações de L. Feuerbach e N. Hartmann foram marcantes e relevantes para o debate de problemas que Lukács considera importantes para o esclarecimento do campo e matéria da ontologia. Tanto que nesta sua obra o filósofo húngaro tomará para estudo destacado as idéias de ambos os pensadores.

Pode-se afirmar que nos dois casos Lukács releva e debate antes de tudo o problema da natureza do ser, conforme os tratamentos distintos e originais de Feuerbach e Hartmann. A propósito, idéias centrais defendidas por Lukács na sustentação da possibilidade e efetividade de

uma ontologia do ser social, tais como as da existência objetiva do ser, têm em certa medida inspiração e embasamento nas contribuições das obras destes dois pensadores. Idéias que serão adensadas e iluminadas criticamente pela consideração das descobertas e posição originais de K. Marx a respeito. Por estas interlocuções, pode-se cogitar que Lukács alcança uma formulação materialista original acerca do complexo da objetividade do ser, em particular, do ser social.

No capítulo da *Ontologia do Ser Social* dedicado à obra de K. Marx encontram-se enunciados as teses e os argumentos principais de G. Lukács sobre a filosofia de L. Feuerbach. Neste momento de sua elaboração, Lukács preocupa-se em situar o pensamento de Marx no contexto histórico-social no qual se faz e desenvolve, começando por reconstituir o itinerário filosófico do “jovem” pensador da década de 1840.

O fato de abordar o pensamento de Marx relevando as idéias do seu primeiro desenvolvimento teórico ocorrido nestes anos de 1840³ indica já o modo peculiar pelo qual Lukács lê e interpreta a obra marxiana. Ele discorda das interpretações e posições que cindem a obra e o pensamento de Marx em períodos distintos e independentes, posições que identificam, geralmente, a existência de um “jovem Marx” filósofo da década de 1840 e de um “Marx maduro”, diverso, cientista, economista, das décadas de 1850 e posteriores. O filósofo húngaro sustenta que há uma ligação indissolúvel entre o autor dos *Manuscritos Econômico-filosóficos* de 1844, da *Ideologia Alemã* de 1846 e de *O Capital*, cuja primeira edição do *Livro I* publicou-se mais de duas décadas depois, no ano de 1867⁴.

A reconstituição do percurso formativo do pensamento de Marx por Lukács se faz, assim, pela articulação das aquisições, descobertas e enunciados do jovem pensador com aqueles do autor

³ Ressalte-se que Lukács, na década de 1930, trabalhou com Riazanov no Instituto Marx-Engels de Moscou, quando foram conhecidos, organizados e publicados textos de Marx escritos na década de 1840, como a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, de 1843, os *Manuscritos econômico-filosóficos*, de 1844 e a *Ideologia Alemã*, de 1846. Em um de seus esboços autobiográficos, Lukács afirma, por exemplo, que esta leitura dos *Manuscritos de 1844* influenciou profundamente sua compreensão do pensamento de Marx e suas concepções filosóficas próprias.

⁴ Pode-se dizer que um dos intuitos de Lukács é combater uma série de simplificações e vulgarizações da obra de Marx, como aquelas que reduzem, por exemplo, epistemologicamente, a economia de Marx a ciência autônoma, apartada e independente de outros campos do saber, como aqueles próprios da sociabilidade (atribuídos pela cientificidade moderna ao campo da sociologia, da antropologia, etc.) ou da política (campo das ciências políticas etc.), por exemplo. E ainda mais: pode-se dizer que o empenho principal de Lukács está em confrontar o dogmatismo stalinista, a deturpação, simplificação, vulgarização das idéias clássicas de Marx e das grandes tradições do marxismo e do pensamento humano clássico. Pense-se, apenas para que se assinala um exemplo simples, que Lukács estuda e escreve na década de 1930 um livro sobre Hegel, “condenado” e extirpado então pelo marxismo oficial stalinista como um filósofo burguês. Lukács só poderá publicar seu estudo e idéias anos mais tarde.

maduro, num evolver onde as idéias vão se desenvolvendo e complexificando na constituição de um projeto teórico-político unitário.

Estas considerações são necessárias e importantes, dentre outras razões, para se dimensionar o lugar e a relevância que adquirem pela concepção lukacsiana os textos e teses sustentados pelo “jovem Marx” e, em decorrência, a relevância que assumem as idéias materialistas de L. Feuerbach neste contexto histórico-social e filosófico. Neste momento da presente exposição, opta-se por uma breve digressão sobre o pensamento de Feuerbach a fim de lançar algumas luzes sobre os enunciados concebidos pelo filósofo materialista.

L. Feuerbach nasce no ano de 1804 em Landshut e morre em Nuremberg, em 1872. Aluno destacado de Hegel em Berlim nos meados dos anos de 1820, L. Feuerbach, desde o início da década seguinte, quando escreve *Pensamentos Sobre Morte e Imortalidade*, vai se afastando das idéias e posições do mestre idealista. Este texto, vindo a público em 1830, prenuncia a tendência à guinada materialista de seu pensamento filosófico e, no plano político, é determinante para o fechamento das portas da universidade ao jovem pensador.

Dos fins de 1830 à primeira metade de 1840, Feuerbach publica um conjunto de textos dedicados à crítica do idealismo religioso e filosófico, voltando-se principalmente contra o sistema filosófico hegeliano, predominante nos debates alemães daquele período.

Esboçando lineamentos de uma posição materialista para a crítica de Hegel e do cristianismo, dentre outras obras importantes, Feuerbach escreve em 1842 as suas *Teses provisórias para a reforma da filosofia*, e no ano seguinte defende os seus *Princípios da Filosofia do Futuro*, sustentando o esgotamento histórico daquela filosofia assentada na “onipotência ontológica” da razão “auto-sustentada”, desnaturada e separada dos “seres reais”, “sensíveis”, “viventes”.

Feuerbach identifica o ser à objetividade sensível, à materialidade natural. Enuncia que “o ser existe a partir de si e através de si, o ser é dado somente através do ser, o ser tem seu fundamento em si” (Feuerbach, 1974, p. 82), estabelecendo uma ordem de prioridade conforme a qual, ontologicamente, “o pensar surge do ser, mas o ser não surge do pensar” (*Ibid*, p. 82).

Em decorrência, “o verdadeiro nexos do pensar com o ser somente se reduz a isto: o *ser* é o *sujeito*, o *pensar*, o *predicado*” (Feuerbach, 1974, p. 82). Feuerbach resgata e explora deste modo uma tradição de pensamento que havia sido abandonada nos debates filosóficos daquele contexto.

Defende, então, uma *articulação* materialista entre ser e pensar. Não é a idéia ou o Espírito que põem e entificam, numa relação de identidade absoluta, a realidade e materialidade do mundo e

dos homens, mas ao contrário, a realidade e materialidade do mundo e dos homens constituem por si condição primeira de possibilidade de entificação do espírito e das idéias.

Para Feuerbach, ao invertermem especulativamente as determinações reais entre ser e pensar, os teólogos e os filósofos idealistas separam e autonomizam o espírito e o pensamento desta sua condição primeira de possibilidade de existência, o ser material, sensível, pensante. O espírito desencarnado, teoricamente separado e autonomizado do ser espiritual, do seu portador material, adquire então um estatuto de objetividade especulativa, adquire uma fantástica “vida própria”. Por este procedimento são “ontologizados” seres, conteúdos e movimentos de “puro” pensamento.

A religião e a teologia, pensa Feuerbach, expressam em termos populares esta inversão pela qual o homem, o sujeito, o criador, aparece subjugado, dominado, por sua própria criação, as representações fantásticas de Deus, dos entes celestes, dos mandamentos divinos etc. O autêntico criador, o sujeito, o homem, aparece nesta representação invertida como uma criatura de sua própria criação. Deste modo, o homem transfere e perde seus predicados e potências terrenos, antropológicos, para as potências e os seres metafísicos, divinos, celestes.

Para Feuerbach, não somente a religião e a teologia, mas toda “a filosofia absoluta aliena o homem e o despoja de sua própria essência, sua própria atividade! Por isso a tortura e a violência que inflige o nosso espírito” (*Ibid*, p. 127). O filósofo materialista defende então que “os mais profundos segredos jazem nas coisas naturais mais simples”, e que “somente o regresso à natureza é a fonte de salvação” (Feuerbach, 1974, p. 64) para os homens “alienados”.

Feitas estas considerações breves a respeito da filosofia feuerbachiana, passa-se agora às ideias propriamente enunciadas por Lukács na *Ontologia*.

Para Lukács, “não há dúvida que a virada provocada por Feuerbach no processo de dissolução da filosofia hegeliana teve caráter ontológico”, posto que “naquele momento, pela primeira vez na Alemanha, foram confrontados abertamente – com efeitos extensos e profundos – o idealismo e o materialismo” (Lukács, 1981, p. 262).

Um dos méritos principais de Feuerbach está em ampliar um debate até então centrado em problemas filosóficos restritos ao campo da gnosiologia tradicional idealista – notadamente aquela fundada pelo sistema hegeliano –, relevando a problemática ontológica acerca da natureza do ser. Sem a presença marcante de Feuerbach, pensa Lukács, estes debates filosóficos teriam permanecido

presos aos círculos do pensamento oficial, acadêmico, ao campo da gnosiologia tradicional, clássica (*Ibid.*, p. 620).

Conforme as palavras do filósofo húngaro, “as idéias de Feuerbach acerca da ontologia da natureza”, assim como “sua atitude anti-religiosa”, ainda que imposições limitadas, “contribuíram para fazer emergir nas consciências, de modo claro e enérgico, o problema ontológico” (*Ibid.*, p. 262).

Feuerbach contesta a “onipotência da razão” conforme a ontologia idealista, especialmente aquela “universalmente explicitada em Hegel”, contrapondo-se à tese especulativa do sujeito-objeto idêntico. Pode-se afirmar que Feuerbach pretende *sustentar filosoficamente a distinção* entre idéia e mundo, espírito e matéria, pensar e ser, sujeito e objeto, estabelecendo para tanto um critério ontológico.

Mas as formulações feuerbachianas, “malgrado seu caráter intencionalmente materialista” (Lukács, 1981, p. 265) e ontológico, são ainda débeis e problemáticas, conforme o entendimento de Lukács. Feuerbach não consegue ultrapassar por sua elaboração filosófica um limitado materialismo antropológico sensualista, como será referido mais à frente. Limita-se a confrontar Hegel e o idealismo num campo e território de batalhas estritamente teórico-filosófico.

Para Lukács, no plano histórico-filosófico, a obra e as idéias de Feuerbach situam-se entre os grandes “sistemas” de Hegel e Marx, favorecendo a “dissolução do hegelianismo” e a inflexão materialista do pensamento alemão dos anos de 1840.

Acompanhando Marx, o autor da *Ontologia* enuncia e sustenta a tese principal conforme a qual a filosofia feuerbachiana “tem um duplo caráter”: protagoniza uma “virada ontológica” que constitui-se como “o único ato filosófico sério desse período; e, ao mesmo tempo, a constatação de seus limites, ou seja, do fato de que o materialismo alemão feuerbachiano ignora completamente o problema da ontologia do ser social” (Lukács, 1981, p. 262).

Elementos para o debate dos limites das imposições filosóficas feuerbachianas

Pelo estudo desenvolvido até o momento, parece correto afirmar que o trabalho de Lukács sugere uma crítica de caráter ontológico dirigida por Marx a Feuerbach. A “essência ontológica da matéria tratada” por Marx seria qualitativamente distinta daquela concebida por Feuerbach. Neste

sentido, afirma-se que o complexo do trabalho engendra a partir da natureza um novo tipo de objetividade e de ser, humano e social, algo jamais compreendido pelo pensamento feuerbachiano.

Ao longo da segunda parte da *Ontologia*, quando trata dos “complexos mais importantes do ser social”, Lukács cita Feuerbach quase sempre para acentuar e criticar os limites das suas impositões filosóficas. Tanto no capítulo dedicado a Marx como nos capítulos em que estuda as determinações mais gerais constitutivas dos complexos histórico-ontológicos da produção e da reprodução do ser social, por seu desenvolvimento, Lukács acaba confrontando por diversas vezes os resultados limitados e os “becos-sem-saída” a que conduzem as vias percorridas por L. Feuerbach. Retomando, por exemplo, as tornadas célebres *Teses Sobre Feuerbach* escritas pelo jovem Marx nos anos de 1840, Lukács ressalta que “o defeito principal de todo materialismo até agora (inclusive o de Feuerbach) é que o objeto, a realidade, a sensibilidade são concebidos apenas sob a forma do *objeto* ou da *intuição*; não porém como *atividade humana sensível, práxis*; não subjetivamente”; de modo que “Feuerbach quer objetos sensíveis realmente distintos dos objetos do pensamento, mas ele não vê a própria atividade humana como atividade *objetiva*” (*Ibid.*, p. 35).

A partir da potência peculiar do complexo do trabalho, Lukács busca demonstrar a constituição objetiva e subjetiva da genericidade humana “em-si” e “para-si”. A formação da subjetividade e da objetividade propriamente humanas, as interações e transitividade entre sujeito e objeto, são resolvidas por Lukács a partir do complexo do trabalho, das relações entre produtor e produto e dos produtores entre si, iluminando-se deste modo os processos da formação e desenvolvimento da socialidade e da entificação das individualidades humanas, do ser social que se autopõe e autoconstrói como um ser aberto.

Neste sentido, Lukács critica a concepção “estático-naturalista” feuerbachiana da relação entre indivíduo e gênero, a ligação abstrata homem-a-homem. Novamente citando Marx, critica como Feuerbach não compreende a produção especificamente humana da vida. Para Feuerbach, “a essência humana” “só pode ser captada como ‘gênero, generalidade interna, muda, que liga muitos indivíduos de modo natural’”. Como será desenvolvido mais à frente, Feuerbach é “obrigado” então “a abstrair o curso histórico e fixar o sentimento religioso como para-si, pressupondo um indivíduo humano abstrato e isolado” (*Ibid.*, p. 376). Tem-se, assim, “em Feuerbach dois falsos extremos: por um lado, o indivíduo isolado, abstrato; e, por outro, a mudez natural do gênero” (*Ibid.*, p. 376). Acompanhando Marx, Lukács defende que “o gênero humano” “não é uma categoria muda, abstratamente geral mas, ao contrário, é uma categoria da qual se toma consciência em sociedade” (*Ibid.*, p. 148).

Também em decorrência de sua falsa concepção ontológica de fundo, Feuerbach é incapaz de apreender a gênese, formação e função sociais da consciência dos indivíduos. Aqui, Lukács acusa e critica as interpretações “mecanicistico-gnosiológicas” das relações entre “consciência e realidade”, as quais concebem tais processos e interações como uma “espécie” de “operação fotográfica efetuada pela consciência” na reprodução “mecânica” da realidade. Assim, no caso de Feuerbach, por exemplo, “tal relação não é concebida no sentido da práxis, mas simplesmente como uma intuição, não subjetivamente” (*Ibid.*, p. 393).

Referências Bibliográficas

- ALCKMIN, R. M. *Marx e Feuerbach: da sensibilidade à atividade sensível*. Dissertação de Mestrado (Filosofia). Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2003.
- BIRCHAL, T. S. Nota bibliográfica: Feuerbach revisitado. In: *Síntese nova fase*. Belo Horizonte, v. 16, n. 47, 1989.
- CHASIN, J. Marx – Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica. In: Teixeira, F. – *Pensando com Marx*. São Paulo: Ensaio, 1995.
- _____. Ad Hominem – Rota e Prospectiva de um Projeto Marxista. In: *Ad hominem* n°. 1. São Paulo: Ad Hominem, 1999.
- FEUERBACH, L. *Aportes Para La Critica de Hegel*. Buenos Aires: Pleyade, 1974.
- _____. *Princípios da filosofia do futuro*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- _____. *A essência do cristianismo*. Campinas: Papyrus, 1997.
- FREDERICO, C. *O jovem Marx: as origens da ontologia do ser social*. São Paulo: Cortez, 1995.
- FORTES, R. V. *Trabalho e gênese do ser social na “Ontologia” de G. Lukács*. Dissertação de Mestrado (Filosofia). Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2001.
- _____. *As novas vias da ontologia em György Lukács: as bases ontológicas do conhecimento*. Tese de Doutorado (Filosofia). Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2011.
- LARA, R. Pesquisa e Serviço Social: da concepção burguesa de ciências sociais à perspectiva ontológica. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 73-82, 2007.
- _____. *A produção do conhecimento em Serviço Social: o mundo do trabalho em debate*. São Paulo: UNESP, 2011.
- LUKÁCS, G. *Per l’ontologia dell’essere sociale*. Roma: Riuniti, 1981. 3 v.
- _____. *Estetica*. Barcelona: Grijalbo, 1966, 4 v.
- _____. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. In: *Temas de Ciências Humanas*. V. 4. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1978.
- _____. *Conversando com Lukács*. São Paulo: Paz e Terra, 1969.
- _____. Meu caminho para Marx. In: *Marx Hoje*. 3 ed. São Paulo. Editora Ensaio, 1988. v. 1. (Cadernos Ensaio – Série Grande Formato).
- _____. *Pensamento Vivido – Autobiografia em diálogo*. São Paulo: Estudos e edições Ad Hominem; Viçosa: Editora UFV, 1999.

- MARX, K. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* – Introdução. São Paulo: Grijalbo, 1977. (Coleção Temas de Ciências Humanas V. 2).
- _____. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. *A Miséria da Filosofia*. São Paulo, Global: 1985.
- _____. *De los “Anales Franco-Alemanes”*: Sobre la cuestión judía; Glosas críticas al artículo “El rey de Prusia y la reforma social. Por un Prusiano. In: Marx, K. & Engels, F. Trad. Wenceslao Roces. 2ª ed., México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
- _____. *Teses ad Feuerbach*. In: *A Ideologia Alemã I, Feuerbach*. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.
- _____. *Prefácio para Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *O Capital*. Crítica da Economia Política. Livros I e II. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- NETTO, J. P. *Lukács. O guerreiro sem repouso*. S. Paulo: Brasiliense, 1983.
- PATRIOTA, R. C. *A relação sujeito-objeto na Estética de Georg Lukács*: reformulação e desfecho de um projeto interrompido. Tese de Doutorado (Filosofia). Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2010.
- SOUZA, D. G. de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- TONET, I. A crise das ciências sociais. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, ano 14, n. 41, p. 103-117, abr. 1993.
- VAISMAN, E. *Dossiê Marx*: Itinerário de um grupo de pesquisa. In: *Ensaio Ad Hominem 1*, tomo IV – Dossiê Marx. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 2001.